

PELO FIM DO CERCO MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS À VENEZUELA E PELA PAZ NA AMÉRICA LATINA

O cerco imperialista dos Estados Unidos, sob a liderança de Donald Trump, mais uma vez avança sobre a América Latina e ameaça a paz no continente sul-americano.

Na última semana, o mundo acompanhou a mais um episódio de escalada agressiva do imperialismo norte-americano contra nosso continente. Em clara manobra de intimidação militar e coerção econômica, o presidente dos Estados Unidos ordenou o cerco naval à Venezuela, buscando impedir a exportação de petróleo que não seja destinada aos norte-americanos. Trata-se de uma medida extrema, incompatível com o direito internacional, com os princípios da convivência pacífica entre as nações e com qualquer noção de respeito à soberania dos povos.

Essa decisão não é um fato isolado. Ela se soma a uma série de atos absolutamente inaceitáveis do governo dos Estados Unidos em território venezuelano. Desde agosto do corrente ano, navios de guerra norte-americanos vêm sendo deslocados para o Mar do Caribe e para a costa venezuelana, ao mesmo tempo em que foram patrocinados ataques aéreos contra embarcações civis, sob o falso pretexto do combate ao tráfico de drogas. Estima-se que ao menos 80 pessoas já tenham sido mortas em decorrência dessas ações.

A proibição da exportação de petróleo pela Venezuela escancara a real intenção do governo de Donald Trump: o exercício violento do imperialismo sobre a América Latina. Fica claro que não se trata de preocupação humanitária, tampouco de defesa da democracia, mas da tentativa de submeter um país soberano pela via do bloqueio econômico e da ameaça militar.

As próprias palavras do presidente dos Estados Unidos são reveladoras, quando afirma que “a Venezuela está completamente cercada pela maior armada jamais reunida na história da América do Sul” e que o impacto sobre o país “será algo que eles nunca viram antes”. Trata-se de uma declaração explícita de intimidação e de disposição para a guerra.

A história do nosso continente é marcada por intervenções estrangeiras, golpes, bloqueios e guerras impostas de fora para dentro. A América do Sul não presencia conflitos armados em seus territórios há pelo menos quatro décadas. Esse período de relativa paz não é um dado natural, mas uma conquista política que precisa ser defendida com firmeza.

Nós, parlamentares de diversos países, afirmamos de forma categórica nossa oposição às atitudes beligerantes dos Estados Unidos em território latino-americano. Rejeitamos qualquer iniciativa que promova a militarização da região, a intimidação de países soberanos ou a imposição de interesses estrangeiros pela força. Não é aceitável, sob nenhuma hipótese, que a América do Sul volte a ser palco de guerras, bloqueios ou intervenções externas.

A escalada de tensões promovida pelo governo Donald Trump ameaça a estabilidade regional, agrava crises humanitárias e coloca em risco a vida de milhares de pessoas. Não se trata, neste momento, da defesa de um governo ou de um regime específico, mas da defesa inegociável da paz, da diplomacia, da autodeterminação dos povos e da soberania continental. Não buscamos preservar qualquer status quo político, mas sim o compromisso histórico da

América Latina com a solução pacífica dos conflitos e com o repúdio a toda forma de dominação imperialista.

Conclamamos os governos, os parlamentos e os povos da de todo o mundo a se posicionarem de maneira clara e firme contra o cerco militar à Venezuela e contra qualquer tentativa de intervenção estrangeira no continente sul-americano. Defender a paz na Venezuela é defender a paz na América do Sul.

Diante da ameaça de guerra, não há neutralidade possível: calar-se é aceitar a violência e legitimar a intervenção imperialista no continente.